

Risco de investir no Brasil cresce, dizem especialistas

São Paulo — Em termos capitalistas, investir no Brasil sempre foi um risco, porém nem tanto como agora. As indefinições da política econômica, a incapacidade do governo em manter sua autoridade e o énigma em que se transformou o futuro da Constituinte caracterizam fatores que continuaram inibindo os investimentos, em particular os estrangeiros.

A conclusão é dos participantes de um debate que reuniu ontem analistas políticos e empresários na sede da Câmara de Comércio Brasil-Alemanha, para ouvir os resultados de um trabalho sobre risco político, feito pela Barros e Kramer, empresa especializada no assunto. Por mais que os cientistas políticos Alexandre Barros e Paulo Kramer, os donos da empresa, se esforçassem para dizer que o Brasil é um bom risco, os empresários fizeram questão de demonstrar seu pessimismo quanto aos seus projetos de investimento no país.

Talvez o desânimo e as preocupações dos empresários — alemães, na maioria — tenham extrapolado, também, pelo negro quadro pintado por Barros e Kramer no início das considerações sobre o seu amplo e contundente trabalho a respeito da conjuntura política, econômica e social do país. Ou, provavelmente, porque muito deles já conheciam outros

tratados sobre o assunto, como o que foi preparado no início do ano pela Schlochauer e Associados, o ramo brasileiro da multinacional Frost e Sullivan, especialista em consultoria e pesquisas.

Enquanto a Schlochauer considera que, na América Latina, apenas o Brasil, a Argentina, a Venezuela, o Uruguai e a Bolívia apresentam oportunidade de negócios "limitadas", devido à "falta de sucesso na resolução do seus problemas econômicos, a Barros e Kramer alerta que o Brasil continua sendo um país viável para investimento, porém com uma enorme quantidade de problemas imediatos e de longo prazo a resolver.

O maior risco brasileiro, afirmou Alexandre Barros, está na falta de confiança geral nas leis que regem a economia, que mudam de uma hora para outra, ao sabor único dos burocratas de plantão — estes raramente levam em consideração os interesses das empresas, sejam nacionais ou estrangeiras. Tanto ele como Paulo Kramer enxergam, entre os constituintes, uma predominância das idéias das lideranças de esquerda e centro-esquerda, que no final resultará numa Constituinte mais xenófoba e estatizante, mesmo sendo a maioria dos parlamentares de centro, de direita ou de centro-direita.